



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

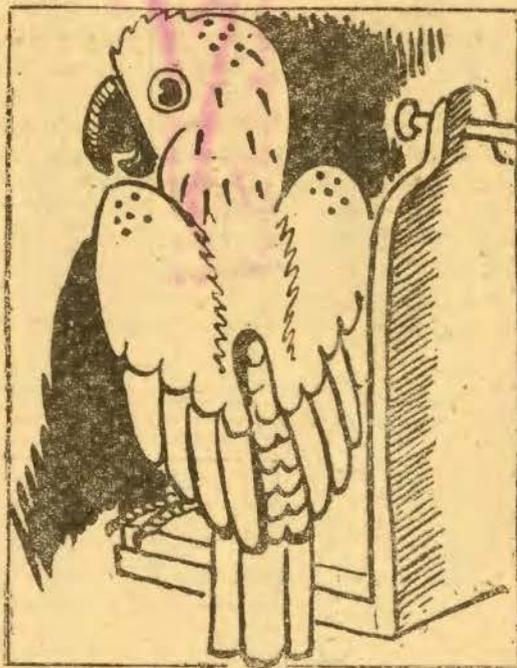
O PALRADOR E O PAPAGAIO

Por AUGUSTO DE SANTA RITA
Desenhos de A. CASTAÑÉ



ALUNO do liceu, Zézito era o condiscípulo mais parlapatão, balofo e baso-feiro da sua turma. Fernando que frequentava a mesma classe, embora de turma diversa, era perfeitamente o contrário, a antítese de Zézito.

Quanto Fernandinho era ponderado, reflectido, sensato, falando com discrição e acerto, Zézito era palrador, leviano nas suas afirmações, flúente, por vezes, na conversa mas, também, quasi sempre, precipitado em seus conceitos, discutindo com argumentos vazios de sentido ou desprovidos de senso. Gostava, contudo, de se ouvir e por



muito falar, supunha-se dotado de faculdades oratórias. As suas opiniões eram, apenas, as que ouvia às pessoas crescidas, pelo que, de quando em quando, aparentava uma certa cultura que, em verdade, não tinha.

Fernandinho, a-pesar de possuir mecos recursos de exposição, era, sem dúvida, mais inteligente mas caía na patética de discutir com ele e, então, a frase de Zézito, vezes sem conto repetida, no calor da discussão, — *(«tu hei-de vir a ser um grande orador!...»)* — foi tantas vezes ouvida por um papagaio, que estava a uma janela, mesmo por cima da cabeça de Zézito, que lá, do seu poleiro, acabou, também, por proferi-la com a mesma entoação.

Rindo, à gargalhada, pela coincidência imprevista, Fernandinho objectou, então, simplesmente, ao seu interlocutor: — «Tu e o papagaio!»

...
São assim, meus meninos, muitas pessoas que se conhece de vista, e os papagaios de... ouvido!

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

DANÇA DAS FERAS

(Estylo de caça)

Musica de
Cruz e Souza

PIANO



Estrebilho



Bis - GORO



NO PAIS DOS SONHOS POR LEÃO VERDE



Em épocas muito remotas, existiu um reino chamado da Alegria e governado por um bondoso rei, muito querido do seu povo.

Esse rei tinha duas filhas, lindas como os amores, a mais velha das quais se chamava «Florinda». Era de uma rara beleza; seus lindos cabelos de ouro, emolduravam-lhe a fronte, alva como o luar, e o seu corpo, esbello e elegante, tornava-se o ideal modelo de todos os escultores. Era viva, inteligente e cheia de alegria; nunca uma nuvem de tristeza lhe toldara a sua fronte pura.

Vivia num palácio, cheio de maravilha, onde a alegria era senhora absoluta. Rodeada de suas aias, que lhe obedeciam cegamente e lhe adivinhavam os seus pensamentos, ela vivia tranquila, felicíssima e sempre querida por todos.

Todas as tardes, com sua irmã, ia passear para o amplo jardim; e ambas lavavam horas esquecidas debaixo da frondosa ramaria, conversando acerca dos seus sonhos de futuro, e em loucas ilusões.

Um dia em que as duas, como de costume, estavam sentadas no terraço, olhando o horizonte, viram vir a toda a brida um cavaleiro, coberto de armaduras mas todas amolgadas, denotando, visivelmente, que havia participado num grande combate.

Ao ver as princesas, estacou o seu valente corcel, e, tirando o capacete, descobriu-se e perguntou:

Salvé! Sois vós as filhas do rei da Alegria?!

Quem sois, e onde ides? perguntou a princesa Florinda.

Eu, — disse o cavaleiro, — sou o príncipe José, filho do Rei da Tristeza, que fugi do meu reino porque os inimigos do reino vizinho, assaltaram, massacraram os meus vassallos e mataram os meus pais. Venho pedir protecção e acolhimento ao rei vosso pai, até que um dia possa reconquistar o meu reino e o torne feliz. Então, dizendo isto, o pálido príncipe escondeu o rosto nas suas mãos e começou a chorar.

Choras? perguntou a princesa, comovida. Sim — (disse o príncipe) — choro porque sou infeliz...

A princesa, reparou que elle vinha ferido, pois sangrava abundantemente por um golpe aberto no pulso. — Estais ferido?! Oh! vinde que meu Pai vos receberá de braços abertos, pois nunca recusou hospedagem a quem quer, e elle tra-

tar-vos há com todas as honras de príncipe. Ide ao portão da muralha, e esperai, que eu vou avisar meu pai.

A princesa comovida, correu célere a avisar o rei, que o filho do rei vizinho lhe pedia hospedagem.

Alguns dias são passados desde que o príncipe entrou no palácio. Agora, a princesa leva horas esquecidas a conversar com elle. Fôra ella que o tratara daquella ferida do braço, sua desvelada enfermeira, dias e dias, vendo-o entre a vida e a morte.

Um dia, disse-lhe o príncipe: — Princesa Florinda, perdoai-me; vou confessar-vos um segredo, que, até aqui, foi só meu! Não o posso reter mais tempo no meu peito, porque é de noite e dia, me atormenta a alma, em crueis desesperanças. — Amo-vos princesa «Florinda» — amo-

(Continua na pág. 7)



A DANSA DAS FERAS

I

MENINOS, vamos dansar
lindo bailado de feras!
Andam rugidos no ar
de leões, tigres, panteras!

Num permanente zunzum,
que berreiro e confusão!
O tigre faz assim: — Hum!...
e o Rei dos animais: — A-ã-ã-ão!

ESTRIBILHO

Hum, hum, hum!... Ao-ão-ão!... Vibra o chicote:

(zás-trás-pás!...) aos estalos, pelo ar!
Recua o trigre! Entanto, num pinote,
a pantera escancara a bôca a uivar!

II

Ruge, tuge, muge a fera,
em maquiavélica dansa;
inda é mais linda a pantera
quando, assim, feroz, avança!

Rugem, tugem, mugem todos,
ante o domador ousado,
como loucos, como doudos!
Oh, mas que lindo bailado!...

ESTRIBILHO

Hum-hum-hum!... Ao-ão-ão!... E quando estremece

— (Zás-trás-pás!...) — aos estalos, o chicote,
saltam tigre e pantera, leão ruge,
nesta dansa: — o Bailado do Pinote!

CARLITOS era um menino vaidoso, toleirão e soberbo. Filho de gente rica, não tendo nunca sabido aproveitar os bons exemplos dos pais e as lições dos seus mestres, gostava de dar nas vistas, fazendo gala em sair à rua sem chapéu, e olhar para os garotinhos pobres por cima do ombro, com ar petulante e desdenhoso; enfim, um menino muito mal educado.



||| ||| POR AUGUSTO DESENHOS DELF

Em sua rua, era já conhecido, entre a garotada, por uma deprimente alcunha do «Basófilas», alcunha que, por vezes, o irritava ao ponto de os desafiar, até que, certa dia, apanhou uma sova-mestra, aplicada por certo menino mais novo do que ele mas bastante mais forte. Ora uma tarde, ao passar à esquina duma rua, encontrou uma pequena cegueira, pouco mais velha do que ele, seguindo tindo-lhe os passos, implorou-lhe uma esmola. Por mera ostentação e não por caridade, Carlitos levou a mão ao bolso; sacou duma moeda e atirou-a ao alto da sua importância, à pobrezinha, cujas mãos, cegas e transparentes, tateavam no espaço. A moeda assim despedida com cruel indiferença e aviltante desberba, tombou, entre as mãos da cegueira e foi rodar na calçada.

MUITO RISO, F



I — O filho da Tia Alhada, ri-se por tudo e por nada.

II — A' mais pequena coisita, parece a Maria Rita...

III — Vendo o seu tão alvar rosto, chega a mãe a ter desgosto.



IV — E o pai, que menos não tem, certo dia, diz à mãe:

V — «Além de ser um palerma, o rapaz de riso enferma.

VI — Vou já levá-lo à consulta do doutor, pessoa culta.



VII — Há-de curá-lo. Anda daí, Zé...

VIII — Há-de passar. Mas o rapaz...

IX — Vendo-o a rir como um p...



DE SANTA-RITA
DELFO CASTANÉ

Carlos dispunha-se a prosseguir o seu caminho sem, sequer, atentar na ansiedade e aflicção da infeliz menininha, quando, súbitamente, se sentiu agarrado. Voltando-se com certa irritação, deu de cara com o ardina que, em tempos, o sovara.

Temendo que, de novo, lhe viesse bater, perguntou-lhe o que queria, olhando-o desconfiado, numa atitude cobarde.

— «Apenas isto... — (volveu-lhe o ardina, baixando-se e apanhando a moeda.) — Que peças perdão a esta cèguinha pela forma brutal com que lhe dèste a esmola. E que lha restituas com generosidade, colocando-a na palma da sua mão.»

A fatear, ainda, no espaço, a cèguinha apertou, então, entre as suas, beijando-a com fervor, a mão direita

do ardina, exteriorizando, assim, o seu reconhecimento. Vexado, humilhado, o soberbo Carlito hesitou em cumprir a intimação recebida. Cõscio, porém, da já provada superioridade física e moral de tão importuno advertente, decidiu obedecer-lhe, calcando o próprio orgulho, orgulho criminoso que era soberba apenas.

■ ■ ■ FIM ■ ■ ■



POUCO SISO



X — deu-lhe o doutor — que era um génio — certo pó lacrimogénio.

XI — Mas, mesmo assim, a chorar, ria, ria sem parar,

XII — Diz o doutor, nesta altura: — «o doente não tem cura!»

XIII — O rapaz é pouco esperto e o ditado é sempre certo:

XIV — Muito riso, pouco siso... O que lhe falta é juízo!»

≡ FIM ≡

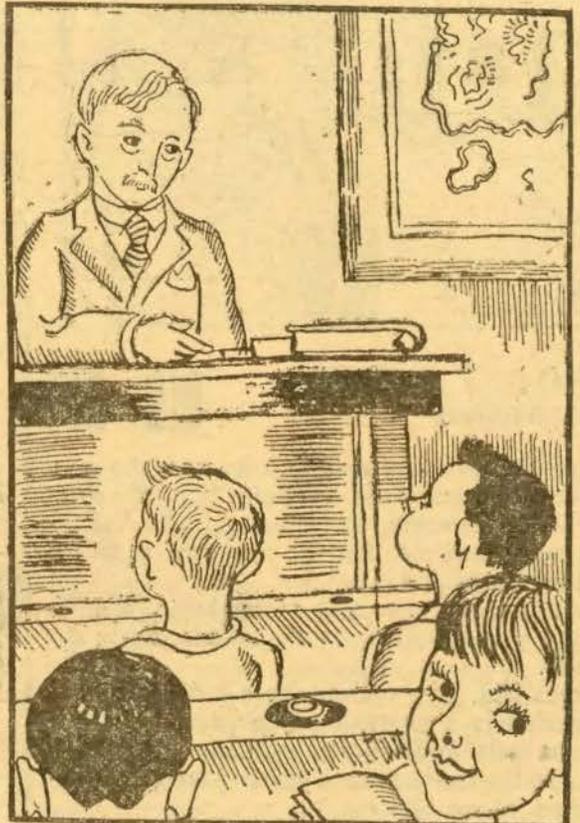
A Lição do Mestre Escola

Por JAMES BROOK

O velho mestre-escola, nêsse dia, sentia-se feliz e satisfeito, dir-se-ia que em seu peito também a juventude renascia!

Em seu redor, os pequenitos lembravam pardalitos e o mestre o olmo amigo e protector! Num tom alegre, franco paternal, jovial, falou assim o velho professor:

— Ora vamos lá ver o que cada um de vós quererá ser pela existência adiante, no futuro.
— Vocês nunca quiseram ser, assim, como o doutor Delfim, um médico!?! Hein! Vocês nunca sonharam, nunca pensaram que não-ê ser homens?! pois a mocidade é minuto fugaz, — é só saudade!
Vá lá tu, Joaquim, — Dize primeiro... Não sabes? — Ora adeus! — pensa lá bem! Sim!? — ... Dize, então: — hein? Um carpinteiro! Sim senhor, és modesto! Enfim já tens uma ambição que é nobre mas modesta! Dou-te os meus parabéns!...
Vamos ver outro! — Sim! — Tu, Manoel — — Ter uma fábrica?!?! — Hein?! Capitalista? Vê-se que estás senhor do teu papel! E tu, Zéca, que dizes? — Professor?! Professor, como eu?! — Não queiras ser, pois só para aturar-vos... que tormento! Vocês riem?!... E tu, vamos lá ver!... O quê?! — Ser rico?! Bem! — pensa um momento e atende que a riqueza raro é sinal de verdadeira felicidade!
E tu, Zé?
Hein? — Ser médico?! — Ah, sim Oh! mas, então, escuso de morrer: E tu! — queres ir correr mundo, ver terras?! — Que ilusão! O mundo é tão pequeno e todo igual!...
Mas, afinal, é um sonho bonito de criança!
— Tu? — Marinheiro?! — Tu aviador?! — Tu, militar! Ah sim, mas a valer: Um D. Quixote e não um Sancho Pança!
E tu, meu mariola?!
Vamos lá ver o que pretendes ser?
Hein?! O quê?! — General... És o demónio! General que tem medo de ir à escola?!... Bem vês... não serves para General!
E tu, António?
Estás aí tão calado... fala, diz?!...
Queres ser médico, sábio, aviador?!
— Não, senhor!... diz-lhe, rápido, o petiz:
— Quero, como meu Pai, ser lavrador!
— Boa resposta! — exclama, o professor embrenhando-se em fundos pensamentos, após os quais, tornou: — Meus rapazinhas, ouvi, atentamente, o que vos vou dizer:
— Amanhã, sereis homens e, então,



essa linda ilusão que vos embala, desfazer-se-há! Cheios de desalento e sofrimento, o coração e o vosso pensamento, sim, muito sofrerá!!!... Senão, pensa! — Há no mundo milhões e milhões de crianças, todas sonhando lindas ilusões, alegres esperanças!! Todas desejam ser muito felizes, muito ricas e nenhuma aspira a ser, infeliz, desgraçada, pobre, em suma! Há, porém, neste mundo milhões d'homens milhões e milhões d'homens, cheios de sede e frio, até com fome! Gritam de Dór e gritam de Pavór, não aceitando o mísero Destino, êles — ditosos reis, quando meninos! Ficastes tristes! Sim! Mas pensai bem, pensai bem nisto só por uns instantes, — (qual árvore batida pelo vento passa um sópro d'amargo desalento!) — arda em revolta o vosso pensamento! Que vossas almas crispem-se de Dór e que a Esfinge da Dór se patenteie aos vossos olhos pávidos! — O vendaval ir-se-há, a árvore, então, mais forte ficará para afrontar um novo furacão. Crial ânimo, enfim! — Reagi! Luta!! ... Olhai!... A vida é só Acção, luta constante, incessante!... E' preciso lutar, conquistar à custa dum esforço pertinaz, tenaz, e audaz, o vosso mais pequeno bem-estar!... Numã constante luta?!? — Não! —

NO PAÍS DOS SONHOS PARA OS MENINOS COLORIREM

(Continuado da página 3)

-vos desde que meus olhos se fixaram, pela primeira vez, no vosso rosto lindo, e, desde então, o amor tem sido crescente. Difícil se tem tornado, até aqui, sufocá-lo. Quereis ser a minha esposa?!

Sim—disse a princesa—também eu vos amo, desde que vos conheci de perto. Amo-vos com este primeiro amor que será o último, e desejo também vir a ser vossa esposa.

O príncipe, louco de alegria, deixou-se cair de joelhos, junto dela, e, pegando-lhe nas mãos, cobrindo-as de beijos, apenas murmurou:— obrigado, obrigado! Hoje é o dia mais feliz da minha vida!...

E quem não é feliz, neste palácio — (disse a princesa)— onde nunca a tristeza teve acolhimento?!!

Consultado o rei, pai da princesa, sobre a deliberação dos dois jovens príncipes, ele annuiu com alegria, e a data do casamento foi fixada para um dia apazado.

O príncipe julgou-se, nesse dia, o homem mais feliz do mundo.

■ F I M ■

A DIVINHA



Um destes aeroplanos não aterriza.
Qual será?

Com lealdade!
Com persistência!
Com caridade,
e generosidade!
Nunca esquecer
que os outros são
vossos irmãos!!!...
Não esquecer
que eles também
têm
a sua vida, o seu palácio a erguer!
Assim a luta será bela e nobre!
Lutai, lutai, sem desfalecimento
para quando chegar esse fatal momento,
a hora de morrer,
possais dizer:
— Óra, afinal,



CRUZ E SOUZA

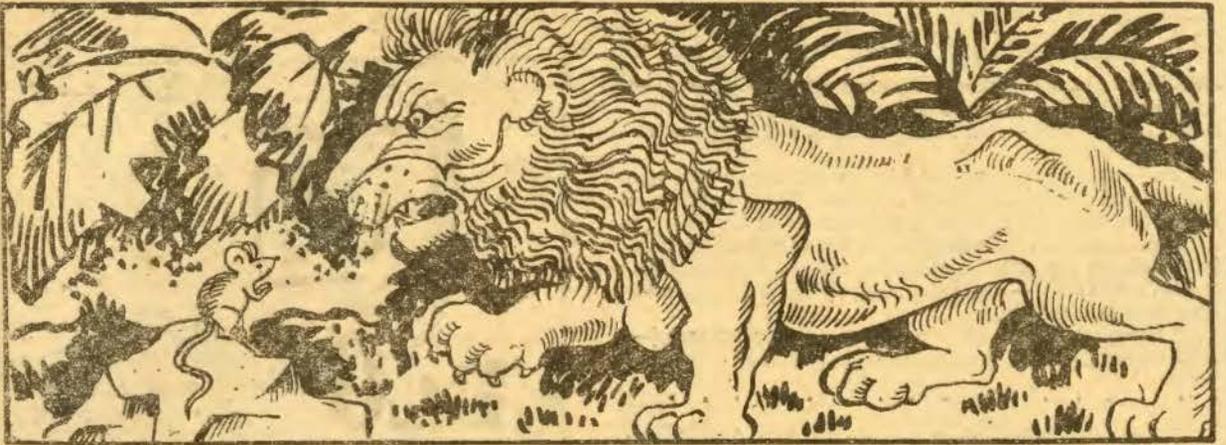
A página musical que hoje oferecemos aos nossos pequenos leitores é da autoria deste distintíssimo musicógrafo, cujas músicas, tais como *Arlequim*, *Bonecos*, *Feno de Portugal* e tantas outras, têm obtido notável popularidade.

As suas últimas produções, recentemente postas à venda, intitulam-se «*Yankee*» e «*O teu Segredo*», destinadas, por certo, à mesma consagração das anteriores.

A *Dansa das Feras* reúne todos os requisitos indispensáveis a uma linda composição infantil.

a riqueza
é igual
à pobreza!
Luís,
queres ser rico, sábio e conquistar o mundo?!
Eu, a tentar
inutilmente só-lo, fui feliz!
Vamos, rapazes!... Vamos começar
a viver,
a lutar!!!...
Vamos, agora,
sim, sem mais demora,
com todo o ardor
e mais amor,
aprender,
estudar!!!

■ F I M ■



O LEÃO E O RATO [FABULA]

Adaptação de JULIO A. GUERREIRO

OUTRORA, na Primavera,
um rato simples, pacato,
deparou, em pleno mato,
um leão, — terrível fera!

Então, o ratinho, em face
de animal tão poderoso,
implorou, muito choroso,
que êle a vida lhe poupasse.

Pois que, se acaso, algum dia,
qualquer laço o detivesse,
donde quer que êle estivesse,
em seu socorro viria.

Bondoso, o leão perdôa;
mas, logo, murmura, então:
— «Salvar um rato um leão?!
A cabeça não tens boa!»



Mostra-lhe, nisto, o Destino,
a Providência, o Acaso,
— (pouco importa para o caso,)—
quanto pode um pequenino!

Pois ao afastar-se a fera,
pouco mais dera que um passo,

Sente-se presa num laço
onde a fatal morte o espera,

Tenta quebrar mas não pode
a laçada que o prendia
e certamente morria
se o rato lhe não acode!



Pois êste, roendo o laço
que fortemente o prendia,
mostrou-lhe quanto podia,
livrando-o do embaraço.

Nesta fábula se ajuiza
este conceito da Sorte:
— Precisa o fraco do forte
e êste do fraco precisa!

FIM